

# Simplicidade

O excesso é o mal da escrita americana. Somos uma sociedade sufocada por palavras desnecessárias, construções circulares, afeições pomposas e jargões sem nenhum sentido.

Quem consegue entender o linguajar cifrado usado pelo comércio americano no dia a dia, ou seja, um memorando, um relatório empresarial, uma carta de negócios, um comunicado de banco que explique o seu mais recente e “simplificado” balanço? Qual usuário de um seguro ou de um plano de saúde consegue decifrar o livreto que explica todos os seus custos e benefícios? Que pai ou mãe consegue montar um brinquedo para uma criança com base nas instruções que vêm junto com a embalagem? Nossa tendência é inflar tudo e, assim, tentar parecer importante. O piloto de avião que anuncia que em alguns minutos atravessaremos uma área de turbulência por causa das nuvens carregadas e possíveis precipitações nem sequer pensa em dizer simplesmente que poderá chover. Se a frase é simples demais, deve haver alguma coisa errada nela...

Porém, o segredo da boa escrita é despir cada frase até deixá-la apenas com seus componentes essenciais. Toda palavra que não tenha uma função, toda palavra longa que poderia ser substituída por uma palavra curta, todo advérbio que contenha o mesmo significado que já está contido no verbo, toda construção em voz passiva que deixe o leitor inseguro a respeito de quem está fazendo

o quê – todos esses são elementos adulterantes que enfraquecem uma frase. E eles costumam aparecer proporcionalmente à formação e à posição social de quem escreve.

Nos anos 1960, o reitor da minha universidade escreveu uma carta para tentar acalmar os ex-alunos após uma temporada de muita agitação no campus. “Vocês estão provavelmente a par”, começou ele, “de que acabamos de experimentar uma situação potencialmente bastante explosiva de expressões de insatisfação sobre questões apenas parcialmente relacionadas entre si”. Ele queria dizer que os estudantes vinham azucrinando a direção por causa de diversas questões. Eu me senti bem mais incomodado pelo linguajar do reitor do que pelas potencialmente explosivas expressões de insatisfação dos estudantes. Teria preferido a abordagem adotada pelo presidente Franklin D. Roosevelt quando tentava traduzir comunicados de seu próprio governo, como este decreto sobre um blecaute, de 1942:

Esses preparativos devem ser executados de modo a deixar totalmente escuros todos e quaisquer edifícios do governo federal ou edifícios não governamentais ocupados pelo governo federal durante um ataque aéreo, por tempo indeterminado, retirando a visibilidade causada por iluminação interna ou externa.

“Fale para eles”, disse Roosevelt, “que nos prédios onde for preciso continuar trabalhando [durante um ataque aéreo] se deve então colocar alguma coisa para tapar as janelas”.

Simplifique, simplifique. Thoreau disse isso, como se costuma lembrar tão frequentemente, e nenhum outro autor americano praticou de forma tão consistente aquilo que pregava. Abra qualquer página de *Walden* e você encontrará um homem contando o que passa pela sua mente de forma clara e ordenada:

Mudei-me para o bosque porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os fatos essenciais da vida e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar, em vez de, já próximo da morte, descobrir que eu não tinha vivido.

Como conseguir se libertar, de uma forma tão invejável como essa, de todo excesso? A resposta está em limpar nossa cabeça de todo excesso. Pensamento limpo significa texto limpo; um não pode existir sem o outro. É impossível que um pensador obscuro escreva em bom vernáculo. Ele pode conseguir sustentar o texto por um ou dois parágrafos, mas o leitor logo se sentirá perdido, e não há pecado mais grave do que esse, pois o leitor dificilmente se deixa enganar mais de uma vez.

Quem é o leitor, essa criatura tão esquiva? O leitor é uma pessoa que dispõe de cerca de trinta segundos de atenção – uma pessoa assediada por inúmeras forças que competem entre si por atenção. Houve um tempo em que essas forças eram relativamente poucas: jornais, revistas, rádio, esposa, filhos, animais domésticos. Hoje em dia, a elas se soma toda uma galáxia de equipamentos eletrônicos destinados a entretenimento e informação – a televisão, os DVDs, os CDs, os video games, a internet, o e-mail, os telefones celulares, os *tablets*, os iPods –, além dos exercícios da academia de ginástica, da piscina, da quadra de esportes e do mais poderoso de todos os concorrentes: o sono. O homem ou a mulher que cochila em uma poltrona com um livro ou uma revista nas mãos é uma pessoa a quem o escritor dedicou inutilmente suas preocupações.

Isso não quer dizer que o leitor seja limitado demais ou preguiçoso demais para acompanhar o fluxo dos pensamentos. Quando o leitor se perde, em geral é porque o escritor não foi suficientemente cuidadoso. Esse cuidado pode adquirir diversas formas. Talvez o texto seja tão excessivo que o leitor, tendo de abrir caminho em meio à verborragia, simplesmente não capte o

que ele significa. Talvez a frase tenha sido tão mal construída que o leitor pode lê-la de várias maneiras. Talvez o autor tenha mudado de pronomes no meio da frase, ou tenha mudado de tempo verbal, e o leitor simplesmente tenha perdido a pista de quem está falando ou de quando a ação se deu. Talvez a frase B não seja uma sequência natural da frase A; o autor, em cuja mente a conexão está clara, não se importou em fornecer o elo. Talvez o escritor tenha usado uma palavra de forma incorreta, sem se preocupar em consultar o dicionário.

Diante de tais obstáculos, os leitores são, de início, persistentes. Recriminam-se – obviamente eles é que perderam alguma coisa, e então voltam a ler a frase desconcertante, ou o parágrafo inteiro, desmontando-o como uma escrita ancestral, tentando adivinhar coisas para seguir adiante. Mas eles não conseguem fazer isso por muito tempo. O autor, nesse caso, está fazendo com que trabalhem demais, e eles acabarão procurando alguém que seja melhor no ofício.

Os escritores, assim, devem sempre perguntar: o que estou tentando dizer? Surpreendentemente, muitas vezes nem mesmo eles sabem a resposta. Nesse caso, devem rever o que escreveram e perguntar: eu disse isso? Isso está claro para quem depara com esse tema pela primeira vez? Se não está, é porque alguma felpa se introduziu no meio da engrenagem. O escritor claro é uma pessoa de mente clara o bastante para enxergar a coisa tal como ela é: uma felpa.

Não quero dizer que algumas pessoas nascem com uma mente clara e são, por isso, naturalmente, escritores ou que outras são naturalmente “felpudas” e jamais conseguirão escrever bem. Pensar com clareza é um ato consciente que os escritores devem se forçar a realizar, como se estivessem trabalhando em qualquer outro projeto que requeira uma lógica: fazer uma lista de compras ou resolver um problema algébrico. Escrever bem não é algo

que surja naturalmente, embora a maioria das pessoas ache que seja assim. Escritores profissionais são abordados com frequência por pessoas que dizem que gostariam de “tentar escrever alguma coisa um dia” – querendo dizer com “um dia” a época em que se aposentarem de suas verdadeiras profissões, como a de corretor de seguros ou de imóveis, que, essas sim, seriam atividades difíceis de exercer. Ou, então, dizem: “Eu poderia escrever um livro sobre isso”. Duvido muito.

Escrever é um trabalho árduo. Uma frase clara não é acidental. Poucas frases surgem prontas logo de cara, ou mesmo depois de duas ou três vezes. Lembre-se disso nos momentos de desespero. Se você acha difícil escrever, é porque é mesmo difícil.

# Excessos

Lutar contra o excesso é como lutar contra as ervas daninhas – o escritor fica sempre um pouco para trás. Novas variedades brotam durante a noite e, ao meio-dia, já fazem parte do discurso americano. Pense no que John Dean, assessor do presidente Richard Nixon, conseguiu fazer em apenas um dia de depoimentos na televisão durante as audiências do caso Watergate. No dia seguinte, todo mundo nos Estados Unidos estava dizendo “no atual momento” em vez de “agora”.

Pense em tudo aquilo que acrescentamos aos verbos que não precisam de nenhuma ajuda. Não dirigimos um comitê. Nós estamos na direção de um comitê. Não enfrentamos mais os problemas. Nós encaramos de frente os problemas.

Você poderia dizer que é um detalhe que não merece a nossa preocupação. Ao contrário: *precisamos* nos preocupar com isso. **Escrever é algo diretamente proporcional ao número de coisas que não deveriam estar presentes e poderiam ser retiradas do texto.** O “algum” antes de “tempo livre” não deveria estar ali. Observe cada palavra que coloca no papel. Você encontrará uma quantidade surpreendente delas que não serve para nada.

Pegue os adjetivos “**pessoal**” e “**particular**”, como em “um amigo pessoal meu”, “seu sentimento pessoal” ou “seu médico particular”. São casos típicos de palavras que podem ser eliminadas. Há centenas como essas. O amigo pessoal se introduziu em nosso linguajar para

diferenciar este do amigo de trabalho, adulterando, assim, tanto a linguagem quanto a amizade. O sentimento de alguém é o sentimento pessoal dessa pessoa – é isso o que “seu” significa. Quanto ao médico particular, é um homem ou uma mulher chamado para o camarim de uma atriz que passa mal e que não precisa, dessa forma, ser atendida por um médico qualquer, indicado pelo teatro. Um dia eu ainda gostaria de ver essa pessoa identificada como “o seu médico”. Médicos são médicos, amigos são amigos. O restante é excesso.

Excesso é a frase elaborada que expulsou a palavra curta que dizia a mesma coisa. Antes de John Dean, as pessoas e o mundo dos negócios já tinham parado de dizer “agora”. Eles diziam “no momento” (“Todos os nossos operadores estão ocupados no momento”), ou “atualmente” (“Atualmente, estou trabalhando na Bolsa de Valores”). No entanto, “agora” pode ser sempre usado para expressar essa ideia de momento imediato (“Agora eu posso vê-lo”), assim como “hoje” para expressar o presente histórico (“Os preços subiram hoje”), ou simplesmente o verbo “estar” (“Está chovendo”), em vez de dizer, desnecessariamente, “no atual momento estamos enfrentando alguma precipitação atmosférica”.

V. ~~Você está~~ <sup>Experimentando</sup> “Experimentando” é um dos piores excessos. Até mesmo o seu dentista vai perguntar-lhe se você está experimentando alguma dor. Se quem estivesse na cadeira fosse o próprio filho dele, ele perguntaria: “Dói?”. Em resumo, ele falaria com naturalidade. Ao usar uma frase mais pomposa em sua atuação profissional, ele parece não apenas afetar ter mais importância, mas também mitigar a dolorosa verdade. É a mesma linguagem da aeromoça ao demonstrar como funciona a máscara de oxigênio que deve cair caso diminua a pressão da cabine do avião. “Em caso de uma eventual despressurização da aeronave, máscaras de ar cairão automaticamente”, começa ela – uma frase que por si só suga tanto do nosso oxigênio que já ficamos preparados para qualquer desastre.

Excesso é o poderoso eufemismo que transforma um bairro pobre em uma “área socioeconômica deprimida”, lixeiros em “pessoas que coletam lixo” e lixão em “unidade de reciclagem”. Penso em uma charge de Bill Mauldin em que dois vagabundos conduzem um vagão de carga. Um deles diz: “Comecei como simples vagabundo e agora virei um desempregado profissional”. O excesso é o politicamente correto em estado enfiado. Vi uma publicidade de um acampamento para meninos em que se prometia “dedicar atenção particular a tudo o que seja minimamente extraordinário”.

Excesso é a linguagem oficial usada pelas corporações para ocultar seus erros. Quando a Digital Equipment Corporation fechou 3 mil postos de trabalho, seu comunicado não falou em demissões; mencionou-se apenas que se tratava de “metodologias involuntárias”. Quando um míssil da Força Aérea caiu, ele “se chocou com o solo prematuramente”. Quando uma fábrica da General Motors parou, o que houve foi “um ajuste no cronograma relacionado ao volume de produção”. Empresas que faliram tiveram “uma posição negativa de fluxo de caixa”.

Excesso é a linguagem usada pelo Pentágono ao chamar uma invasão de “ataque reforçado de reação protetora” e ao justificar a enormidade de seu orçamento alegando a necessidade de uma “coibição das forças inimigas”. Como afirmou George Orwell em “A política e a língua inglesa”, ensaio escrito em 1946, mas citado frequentemente durante as guerras do Camboja, do Vietnã e do Iraque, “os discursos e textos políticos são em grande parte uma defesa do indefensável [...]. Assim, o linguajar político tem de ser formado amplamente por eufemismos, falácias e meras imprecisões nebulosas”. O alerta de Orwell de que o excesso não é apenas algo inconveniente mas também um instrumento mortal se mostrou verdadeiro nas últimas décadas de aventureirismo militar dos Estados Unidos. Foi durante o governo de George W. Bush que as vítimas civis no Iraque transformaram-se em “danos colaterais”.

A **camuflagem verbal** atingiu novas alturas durante o mandato do general Alexander Haig como secretário de Estado do presidente Ronald Reagan. Antes de Haig, ninguém havia pensado em dizer “nesta conjunção de amadurecimentos” quando queria dizer “agora”. Ele afirmou aos americanos que o terrorismo podia ser combatido com uma “garra punitiva expressiva” e que o uso dos mísseis nucleares intermediários estava “no turbilhão da crucialidade”. Com relação às preocupações que a população pudesse alimentar, sua mensagem foi “deixa comigo”, embora o que ele realmente disse tenha sido: “Precisamos levar a atenção do público quanto a isso a um nível de decibéis mais baixo. Não acredito que haja uma espécie de curva de conhecimento a ser traçada nessa área de conteúdo”.

Poderia continuar citando exemplos de diferentes campos – toda profissão tem o seu arsenal sempre crescente de jargões para jogar poeira nos olhos do populacho. Mas a lista seria entediante. Meu objetivo ao destacar esse ponto é demonstrar que o excesso é o inimigo. Portanto, tome cuidado. Uma palavra comprida nunca é melhor do que uma curta: “assistência” (ajuda), “inúmeros” (muitos), “facilitação” (ajuda), “indivíduo” (homem ou mulher), “restante” (resto), “inaugural” (inicial), “implemente” (faça), “somente” (só), “intente” (tente), “conhecido como” (chamado), entre centenas de outros exemplos. Tome cuidado com essas escorregadias palavras da moda: paradigma e parâmetro, priorizar e potencializar. São ervas daninhas que vão asfixiar aquilo que você escreve. Não *dialogue* com uma pessoa com quem você pode *falar*. Não crie uma interface com ninguém.

Tão insidiosas quanto elas são as junções de palavras com que tentamos explicar como nos propomos a avançar em nossas explanações: “Devo acrescentar que”, “vale a pena destacar que”, “é interessante observar que”. Se você deveria acrescentar, acrescente. Se algo deveria ser destacado, destaque. Se é interessante observar isso ou aquilo, *torne* isso ou aquilo interessante. É comum

ficarmos pasmos com o que acontece quando alguém diz: “Será que isso interessa a você?”. Não infle aquilo que não precisa ser inflado: “com a possível exceção de” (exceto), “devido ao fato de que” (porque), “perdeu totalmente a habilidade para” (não conseguiu), “até o momento em que” (até), “com o propósito de” (para).

Existe alguma maneira de perceber de imediato quando há excesso? Há um recurso que meus alunos de Yale achavam de grande utilidade. Eu colocava entre colchetes todos os elementos de um texto que não cumpriam nenhuma função. Muitas vezes apenas uma palavra era assinalada: a dispensável preposição ligada a um verbo (“fazer com que”), ou um advérbio que possui o mesmo sentido que o verbo (“sorriu alegremente”), ou um adjetivo que declara um fato já presumido (“alto arranha-céu”). Meus colchetes destacavam muitas vezes pequenos qualificativos que enfraquecem qualquer frase em que apareçam (“um pouco de”, “uma espécie de”), ou expressões como “em um certo sentido”, que não querem dizer nada. Às vezes os meus colchetes destacavam um período inteiro – que repetia essencialmente o que o período anterior já havia dito ou que dizia algo que os leitores não precisavam saber ou que podiam deduzir por conta própria. A maioria dos rascunhos iniciais pode ser cortada em 50% sem que se perca nenhuma informação e sem prejudicar a voz do autor. [ ]

O motivo pelo qual eu colocava as palavras supérfluas de meus alunos entre colchetes em vez de riscá-las era evitar a violação de sua prosa sagrada. Eu queria deixar as frases deles intactas, para que pudessem analisá-las. Eu dizia: “Posso estar enganado, mas acredito que isso possa ser descartado sem afetar o conteúdo. Mas é você quem decide. Leia a frase sem o que está entre colchetes e veja se funciona”. Nas primeiras semanas do semestre, eu lhes devolvia textos infestados de colchetes. Parágrafos inteiros ficavam entre colchetes. Logo os alunos aprenderam a colocar colchetes mentais em seus próprios excessos, e ao final do semestre

seus textos ficavam quase limpos. Muitos desses alunos são hoje escritores profissionais e me dizem: “Ainda vejo os seus colchetes – eles me perseguem o tempo todo”.

Você mesmo pode desenvolver esse olhar. Procure detectar todos os excessos no seu texto e corte-os sem dó. Agradeça sempre que puder jogar algo fora. Releia cada frase que colocou no papel. Todas as palavras cumprem alguma função? Este ou aquele pensamento não poderia ser expresso com menos palavras? Há alguma coisa pomposa, pretensiosa ou “da moda”? Está mantendo algum elemento inútil só porque o acha bonito?

Simplifique, simplifique.

# Estilo

Há muitas coisas a ponderar, logo de início, sobre os monstregos à espreita do escritor que tenta colocar de pé um texto bem escrito.

Você poderia perguntar: “Mas, se eu eliminar tudo o que você acha excessivo e enxugar todas as frases até deixá-las no osso, sobrar alguma coisa de mim mesmo no texto?”. É uma pergunta pertinente. Se levada ao extremo, a simplicidade pode resultar em um estilo tão sofisticado quanto o das frases: “João gosta de Maria” e “Veja o Totó correndo”.

Vou responder a ela, primeiramente, no que diz respeito à carpintaria do texto. Em seguida, passarei para a questão mais ampla sobre quem é o escritor e como preservar a sua identidade.

Poucas pessoas se dão conta de como escrevem mal. Ninguém nunca lhes mostrou a quantidade de excessos ou a falta de clareza que se alastram por seu estilo e quanto isso atrapalha o entendimento daquilo que elas querem dizer. Se você me der um texto com oito páginas, eu lhe direi para cortá-lo para quatro páginas. Você vai reclamar dizendo que é impossível. Então irá para casa, fará os cortes, e o texto ficará bem melhor. Depois é que vem a parte mais difícil: cortar para três páginas.

A questão é que você precisa enxugar o texto antes mesmo de poder reconstruí-lo. Você precisa saber quais são as ferramentas essenciais e qual a função de cada uma delas. Ainda conforme a metáfora da carpintaria, é necessário primeiro saber serrar a

madeira corretamente e martelar pregos. Depois disso você pode alinhar as pontas ou acrescentar florões refinados, se for do seu gosto. Mas nunca se esqueça de que você está praticando um ofício que se baseia em certos princípios. Se os pregos forem fracos, a sua casa vai cair. Se o seu verbo for fraco e a sua sintaxe não tiver firmeza, suas frases despençarão.

Devo admitir que alguns autores de não ficção, como Tom Wolfe e Norman Mailer, construíram casas notáveis. Mas esses são escritores que levaram anos praticando o seu ofício e quando, ao final, ergueram as suas torres fantásticas e seus jardins suspensos, para a surpresa de todos nós, que nunca havíamos sonhado com tais ornamentações, eles sabiam muito bem o que estavam fazendo. Ninguém vira um Tom Wolfe da noite para o dia, nem mesmo o próprio Tom Wolfe.

Primeiro, portanto, aprenda a martelar pregos e, se o que você construir for firme e útil, poderá sentir-se plenamente satisfeito.

Mas você vai querer descobrir um “estilo” – embelezar as palavras simples de forma que os leitores o identifiquem como alguém especial. Você irá atrás de sinônimos mais chamativos e de adjetivos floreados, como se “estilo” fosse algo que se pudesse comprar em uma loja para depois enfeitar suas palavras com cores brilhantes e decorativas. (Cores decorativas são as que os decoradores gostam de usar.) Não existem lojas de estilo; estilo é algo inerente à pessoa que está escrevendo, é uma parte constitutiva dessa pessoa, como o cabelo ou, no caso de um careca, a falta dele. Tentar adicionar um estilo é como colocar uma peruca. À primeira vista, o então ex-careca parece mais jovem e até mesmo bonito. Mas, olhando novamente – e, no caso de uma peruca, lança-se sempre uma segunda olhadela –, ele não parece muito bem. A questão não é que não pareça bem penteado; até parece, mas passamos a admirar apenas a técnica do fabricante de perucas. A questão é que não parece ser ele mesmo.

Esse é o problema com escritores que tentam deliberadamente enfeitar demais o texto. Você perde tudo aquilo que o torna único. O leitor vai perceber que está querendo se exhibir. Os leitores querem que a pessoa que está se dirigindo a eles seja autêntica. Assim, uma regra fundamental é a seguinte: seja você mesmo.

Porém, não há regra mais difícil de seguir do que essa. Ela exige que os escritores façam duas coisas incompatíveis com o seu próprio metabolismo. Eles precisam relaxar e ter confiança.

Dizer para um escritor relaxar é o mesmo que dizer para um homem relaxar enquanto está sendo examinado por causa de uma hérnia. Quanto à confiança, veja só a rigidez com que ele se senta, olhando para a tela que aguarda as suas palavras. Veja quantas vezes ele se levanta para pegar alguma coisa para beber ou comer. Um escritor faz qualquer coisa para evitar o ato de escrever. Por experiência própria como jornalista, posso assegurar que o número de vezes que cada repórter vai, por hora, ao bebedouro ultrapassa de longe a necessidade de água que seu corpo tem.

O que pode ser feito para livrar o escritor desses sofrimentos? Infelizmente, nenhuma cura foi descoberta. Posso oferecer apenas, como consolação, a ideia de que você não está sozinho. Alguns dias serão melhores do que outros. Alguns serão tão ruins que você perderá qualquer esperança de um dia voltar a escrever. Todos nós já passamos por momentos assim e passaremos por muitos outros.

No entanto, seria bom tentar reduzir os dias ruins ao mínimo, o que me leva de volta à questão do relaxamento.

Suponha que você seja o escritor que se senta para trabalhar. Você deduz que o seu texto precisa ter certo tamanho, caso contrário não parecerá importante. Imagina como ele ficará garboso quando impresso. Pensa na quantidade de pessoas que o lerão. Considera que ele precisa ter o peso e a solidez da autoridade. Decide que o seu estilo precisará deslumbrar as pessoas. Não admira que você se veja travado; está tão ocupado pensando

na sua tão espetacular responsabilidade pelo texto final que não consegue nem sequer começá-lo. Mesmo assim, você se julga digno da tarefa e, indo em busca de frases imponentes que não lhe ocorreriam se não estivesse querendo impressionar tanto, mergulha no trabalho.

O primeiro parágrafo é um desastre – uma reunião de generalidades que parecem ter saído de uma máquina. Nenhuma pessoa poderia ter escrito isso. O segundo parágrafo não sai muito melhor. Mas o terceiro começa a apresentar algo parecido a uma qualidade humana, e lá pelo quarto parágrafo a sua voz começa a soar no texto. Você começou a relaxar. É incrível a frequência com que um editor pode descartar os primeiros três ou quatro parágrafos de um artigo, ou até mesmo as primeiras páginas, e começar com o parágrafo em que o texto passa a soar com a voz do autor. Aqueles primeiros parágrafos não são apenas impessoais e rebuscados; eles não dizem nada – não passam de uma tentativa canhestra de fazer um prólogo fantástico. O que sempre procuro, como editor, é uma frase que diga algo como “Nunca esqueci o dia em que eu...”. Então penso: “Ah, eis finalmente uma pessoa!”.

Os escritores, obviamente, mostram-se com maior naturalidade quando escrevem na primeira pessoa. A escrita é uma relação íntima entre duas pessoas levada ao papel e ela será tão boa quanto a sua capacidade de preservar a sua humanidade. Por isso, estimulo a escrita na primeira pessoa: o uso de “eu” e “mim”, e “nós” e “nosso”. É uma luta.

“Quem sou eu para dizer o que penso?”, perguntam. “Ou o que sinto?”

“Quem é você para não dizer o que sente?”, eu respondo. “Só existe uma pessoa como você. Ninguém mais pensa ou sente exatamente da mesma maneira.”

“Mas ninguém liga para as minhas opiniões”, dizem. “Eu me sentiria exposto.”

“As pessoas ligarão se você lhes disser alguma coisa interessante”, eu digo, “e faça isso com palavras que lhe venham naturalmente”.

Seja como for, fazer escritores usarem o “eu” não é nada fácil. Eles acham que precisam antes conquistar o direito de expor as suas emoções ou ideias. Ou então que isso é egoísmo. Ou algo não muito digno – um medo que aflige o mundo acadêmico. Daí o uso professoral do “alguém” (“Alguém que não estava totalmente de acordo com a visão do dr. Maltby sobre a condição humana”) ou do impessoal “nós” (“Esperamos que a monografia do professor Felt encontre o amplo público que ela realmente merece”). Eu não quero me encontrar com “alguém” – deve ser um cara bem chato. O que eu quero é que um professor apaixonado pelo seu tema me diga por que isso fascina tanto *a ele*.

Entendo que há vários tipos de texto em que o “eu” não é admitido. Os jornais não querem o “eu” nos textos noticiosos; muitas revistas não o querem em seus artigos; o mundo dos negócios e as instituições não o querem nos relatórios que enviam tão profusamente para os lares americanos; faculdades não querem o “eu” nos trabalhos de fim de semestre ou nas dissertações, e os professores de inglês desencorajam todo e qualquer pronome da primeira pessoa que não seja o literário “nós” (“Notamos no uso simbólico que Melville faz da baleia branca...”). Muitas dessas proibições são válidas. Também tenho simpatia pelos professores que não querem dar aos seus alunos uma válvula de escape fácil para a sua opinião – “Eu acho que Hamlet era um estúpido” – antes de eles terem se defrontado com a disciplina de avaliar um trabalho a partir dos seus méritos e com fontes externas. O “eu” pode ser uma autoindulgência e uma forma de tirar o corpo fora.

No entanto, temos medo de revelar quem somos. As instituições que pedem o nosso apoio enviando-nos seus folhetos parecem todas iguais – hospitais, escolas, bibliotecas, museus, jardins zoológicos – embora tenham sido fundadas e ainda sejam mantidas

por homens e mulheres com sonhos e visões diferentes uns dos outros. Onde estão essas pessoas? É difícil detectá-las em meio a todos esses textos impessoais na voz passiva que dizem “iniciativas foram adotadas” e “prioridades foram estabelecidas”.

Mesmo onde o “eu” não é admitido ainda é possível criar um tom pessoal. O colunista político James Reston não usava “eu” nas suas colunas, mas eu podia ter uma boa ideia do tipo de pessoa que ele era, e era capaz de dizer o mesmo de muitos outros ensaístas e repórteres. Os bons escritores são visíveis por trás de suas palavras. Se você não puder usar o “eu”, pelo menos pense com o “eu” enquanto escreve, ou então escreva o primeiro rascunho na primeira pessoa e depois retire o “eu”. Isso dará uma temperatura específica ao seu estilo impessoal.

O estilo está ligado ao psíquico, e escrever é algo que possui profundas raízes psicológicas. As razões pelas quais nos expressamos desta ou daquela maneira ou falhamos na tentativa de nos expressarmos por causa do “bloqueio da página em branco” encontram-se parcialmente em nosso subconsciente. Há tantos tipos de bloqueio quantos são os tipos de escritores, e não pretendo desvendá-los. Este é um livro curto, e eu não me chamo Sigmund Freud.

Notei, porém, a existência de um novo motivo para evitar o “eu”: os americanos não querem assumir posições. Na geração passada, nossos dirigentes nos diziam onde se situavam e em que acreditavam. Hoje, eles realizam manobras verbais incríveis para escapar dessa necessidade. Basta ver como se contorcem nas entrevistas de televisão para evitar qualquer comprometimento. Eu me lembro de o presidente [Gerald] Ford garantir a um grupo de empresários que sua política fiscal daria certo. Ele disse: “Tudo o que vemos à frente são nuvens, mês após mês, cada vez mais claras”. Para mim isso sugere que as nuvens ainda estavam bastante escuras. Mas a frase de Ford é vaga o bastante para não dizer nada e, ao mesmo tempo, acalmar seus eleitores.

A situação não melhorou muito nos governos mais recentes. Ao comentar a crise política na Polônia, em 1984, o secretário de Defesa [dos EUA], Caspar Weinberger, disse: “Permanecem os motivos para sérias preocupações, e a situação continua muito séria. E, quanto mais ela continua a ser séria, mais motivos haverá para estarmos seriamente preocupados”. O primeiro presidente Bush, ao ser questionado a respeito de sua posição sobre os fuzis de assalto, disse: “Muitos grupos acham que você pode proibir alguns tipos de arma. Não vejo dessa maneira. O que eu sinto é uma profunda preocupação com isso”.

Porém, para mim, o maior campeão de todos os tempos é **Elliot Richardson**, que ocupou quatro cargos importantes nos anos 1970.\* É difícil saber por onde começar a retirar exemplos de seu imenso tesouro de declarações ambíguas, mas veja só esta: “No fim das contas, a ação afirmativa, por ora, tem sido, eu acho, um sucesso relativo”. Uma frase de dezesseis palavras com três modalidades. Atribuo a ela a medalha de ouro da frase mais escorregadia do discurso público moderno, embora possa rivalizar com a análise que Richardson fez de como diminuir o tédio reinante entre os trabalhadores da linha de montagem: “Então, por fim, chego à firme convicção que mencionei no início: esse é um tema ainda muito novo para emitirmos um julgamento definitivo”.

É isso uma firme convicção? **Dirigentes que ficam gingando para lá e para cá, como boxeadores idosos, não inspiram confiança – ou não a merecem. O mesmo vale para escritores. Se você for você mesmo, o assunto de que tratar exercerá o seu próprio poder de atração. Acredite na sua própria identidade e em suas opiniões. Escrever é uma atividade do ego, e você precisa aceitar o seu. Use a energia dele para seguir em frente.**

\* No governo Richard Nixon, secretário da Saúde, Educação e Bem-Estar Social, secretário de Defesa e procurador-geral. No governo Gerald Ford, secretário do Comércio. [N.T.]